

QUALIDADES LATINAS NO BRASIL

José Maceda

*professor do Conservatório de Música
da Universidade das Filipinas*

1. CULTURA LATINA ALÉM DA EUROPA

Certa vez, um famoso negro brasileiro expressou-se num discurso desta forma: — «Nós, membros da raça latina...» (1). Gilberto Freyre, o perspicaz sociólogo brasileiro, interpretou essa frase como «um eloquentíssimo» pronunciamento — êsse do negro brasileiro com uma educação literária européia que se considera não apenas um cidadão brasileiro mas também um membro da família mais vasta da raça latina (2). A observação de Gilberto Freyre implica em que, quer o hindu, quer o japonês, no Brasil, com uma base cultural semelhante, pertencem ao mesmo grupo intelectual ou espiritual de pessoas.

O sentido que liga culturalmente os europeus a outros povos de proveniência diversa — os argelinos e os franceses, os filipinos e os espanhóis, os mongóis e os russos — pode ser tomado como significando que «europeus», com uma concepção greco-latina ou uma cultura cristã, encontram-se não apenas dentro das fronteiras geográficas da Europa mas também em outras partes do mundo, isto é, entre povos de várias procedências que vivem sob diferentes condições físicas. Assim, falar-se dos europeus continentais como os únicos expoentes do pensamento latino-ocidental seria não só ignorar certos conceitos humanísticos ou práticas derivados das mesmas fontes latino-ocidentais, mas que são também encontrados fora da Europa. De um certo modo, a extensão da influência cristã européia além-mar até as Américas pode ser tomada como a repetição de um evento semelhante mais de mil anos atrás, durante a expansão do Sagrado Império Romano, quando novos centros de cultura latina floresceram em várias partes da Europa. No Século XX, a extensa esfera latina cobre, além de uma área geográfica mais vasta, também uma maior variedade de povos. Assim, o explícito pronunciamento de um prêto

latino no Brasil; — «Nós, membros da raça latina...» encontra eco no trigueiro oriental das Filipinas como «o filipino com uma cultura latino-cristã».

2. NO BRASIL

No Brasil, é o **background** português do «humanismo» cristão e latino mesclado aos ideais e práticas mouriscas que alimentou o desenvolvimento de uma nova nação, caracterizado por um respeito natural à personalidade do indivíduo, qualquer que seja o seu tipo físico, côr ou cultura. Em lugar algum existe um amálgama tão real de negros e europeus em tão grande escala como no Brasil, onde, após séculos de miscigenação, vêem-se homens e mulheres possuidores dos atributos físicos de ambas as raças e com sensibilidades e costumes predominantemente latinos. Quer seja no Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia ou Recife, não é raro ver-se gente de cabelos claros e crespos, indivíduos de pele bronzada e olhos azuis, môças de cabelos louros e tez morena. Em qualquer lugar, seja num restaurante ou num cinema, nos ônibus, nas lojas, nos lares como nas ruas, negros e brancos, homens de pigmentação e características físicas diferentes misturam-se livremente, sem qualquer preconceito consciente contra essas diferenças físicas. Nas palavras de Gilberto Freyre, «nenhum povo europeu que se ocupou da colonização da América era menos animado de uma superioridade racial ou de um complexo de pureza étnica do que os portugueses, uma nação quase não-européia. Sua mística de unidade ou pureza era a da religião ou do **status** religioso — a religião Católica Romana ou o **status** de cristão — e não a de raça (3). Em outras palavras, os brasileiros, à maneira do humanismo mediterrâneo, associam o homem às suas qualidades espirituais pessoais, em vez de fazê-lo com as suas diferenças físicas.

Conquanto admitindo o **background** ibero-latino da história brasileira, Gilberto Freyre considera o Brasil como uma nação «extra-européia», que deve encontrar auto-expressão no acôrdo com o seu ambiente tropical nativo. Diz êle: «o Brasil precisa de manter e desenvolver os valores e tradições extra-europeus já harmonizados com as condições de vida tropicais brasileiras, em vez de abandoná-los para se tornar uma província cultural da Europa ou dos Estados Unidos» (4). Além disso, acrescenta êle que em seu país «a política, a arte e a literatura serão hipócritas sempre que o Brasil procurar expressar-se intelectual e politicamente como uma nação (totalmente) branca; sempre que êle agir como se os seus interesses, seus problemas e seus ideais fôssem os de uma nação européia ou subeuropéia, e não aquêles de uma comunidade americana realmente nova e dinâmica, não envergonhada de seus elementos básicos ameríndios, judeus e africanos, mas orgulhosa dêles» (5).

3. BRASIL E FILIPINAS — SEMELHANÇAS

Os ideais e problemas do Brasil atual têm muita coisa em comum com os das Filipinas, país que assimilou muitos hábitos culturais de uma comunidade européia com um **background** psicológico e histórico muito semelhante àquele de Portugal. No Brasil e nas Filipinas a questão de implantar conceitos cristão-mediterrâneos no seio de um povo com uma longa tradição de vida equatorial implicou num ajustamento de hábitos de zona temperada às condições locais. Em ambos os países, os iberos viram-se a braços com o uso devido de comida e vegetais tropicais, com o problema de adaptar festas cristãs a celebrações nativas, com a necessidade de entender as conseqüências de um clima tropical, os costumes nativos e o decôro do povo e a sua arte. Embora o caráter latino seja claramente predominante na vida brasileira e filipina, um ambiente tropical tem-no mudado, de tal maneira que há, provavelmente, mais afinidade entre as características nativas brasileiras e filipinas do que entre êsses países e as nações européias que os influenciaram. Por exemplo, muitas cenas da vida pública ou privada no Brasil lembram as suas contrapartes filipinas — um grande número de igrejas onde, durante as missas, os homens deixam-se ficar atrás, enquanto as mulheres e as crianças ficam na frente; a disputa do tráfego, em que os ônibus procuram tomar os passageiros uns dos outros; pedestres que caminham jingando; troca de pneus em plena via pública; o grande problema da educação das massas; as demonstrações de amizade entre dois passantes que se encontram na Cidade Baixa, em Salvador, que poderiam ser observadas em Quiapo, Manila; a presença de «camelôs» nos passeios das ruas centrais, vendendo artigos semelhantes: lâminas de barbear, pentes, pasta-de-dentes, cintos etc.; a predileção geral pela carreira política e pelos «empregos de carteira»; discursos eleitorais em praças públicas; um sistema de classes baseado nos méritos de uma «boa família», etc.

4. DIFERENÇAS

Há, naturalmente, diferenças que levam os dois países em direções diversas. No Brasil, a mistura de hábitos latinos e africanos produziu a clássica **Térça-Feira Gorda** que faz típica a maneira de o seu povo divertir-se em público. Nas Filipinas, a maneira latino-malaia de diversão pública pode ser exemplificada pela **fiesta**, onde brigas-de-galo e outros tipos de jogos dessa categoria tomam o lugar das danças rituais públicas do Brasil, e onde as felizes reuniões de família prevalecem em lugar das danças de rua cerimoniais com o povo misturando-se indiscriminadamente. Novos tipos de música afro-latina — **samba**, **maxixe**, **tanguinho**, **seresta** — aparecem no Brasil, às quais correspondem, nas Filipinas, as canções e danças nativas — **kundiman**, **pandango**, **subli**, **kumitang** — típicas interpretações malaio-filipi-

nas de padrões harmônicos europeus. Uma vestimenta feminina típica na Bahia, constante de um torço à cabeça e uma saia-balão em combinações de côres vivas, tem o seu paralelo no traje da **mestiza** filipina, de mangas largas, semelhando asas de borboleta, ou o **patadyong**, formado por uma ampla camisola envolta em uma saia larga ao redor da cintura.

Uma grande distinção cultural entre o Brasil e as Filipinas consiste no uso da língua. O número de portugueses que se estabeleceram no Brasil ultrapassa de muito o dos espanhóis que viveram nas Filipinas. No Brasil, êsse fato teve como resultado uma população mista que usa predominantemente uma só língua-mãe, enquanto que nas Filipinas o malaio-filipino continua a falar a língua do seu setor do arquipélago, e um menor contingente da população fala além dela o espanhol ou, mais frequentemente, o inglês. Publicações em português alcançam todos os leitores brasileiros, enquanto que nas Filipinas a literatura que aparece, quase sempre em inglês, não é lida por boa parte do público leitor. A despeito dessa diferença, problemas semelhantes no campo da expressão literária ocorrem em ambos os países. Os romances brasileiros e filipinos, os ensaios, poemas e novelas emulam entre si na imitação das técnicas de escrever ocidentais e abandonam a sabedoria (**lores**) nativa, os provérbios, as lendas, a épica e os contos populares; assim, as formas literárias ocidentais tornam-se um ponto de partida para a atividade de escrever, enquanto os gêneros literários nativos são negligenciados.

5. INFLUÊNCIA DOMINANTE DOS VALORES ESTÉTICOS OCIDENTAIS

Como em muitas outras áreas da vida quotidiana, o gosto estético entre os filipinos e outros povos que vivem nos trópicos é de tal maneira dominado pelos modos de vida europeus que deixa pouco lugar para a iniciativa e a originalidade. Dêsse modo, cria-se um certo artificialismo na sua conduta diária.

Tomemos um exemplo trivial como o traje masculino. O costume original de calças, cuecas, camisa, camiseta, paletó, gravata, chapéu, meias e sapatos é próprio para um clima frio e uma vida de formalismo, mas nada prático num clima de humidade, chuva e sol, e é desconfortável para um povo acostumado a um tipo de vida relaxado. Ainda assim, quando os primeiros aristocratas europeus trouxeram êsses costumes para os trópicos, ao lado das suas convenções de propriedade formal, não só a roupa como também as maneiras de conduta foram copiadas e adotadas pela população nativa.

Hoje, êsse vestuário foi simplificado para calças e camisas leves mas, mesmo assim, essa indumentária corriqueira ainda enfatiza normas estranhas para o uso do corpo e da postura —

um modismo «hollywoodiano», uma maneira formal equivalente aos sinais europeus de boa descendência ou, pelo menos, uma maneira peculiar de caminhar ou sentar-se, que nada em absoluto deixa à estética sartória nativa para ser desenvolvida e adaptada a uma sociedade contemporânea. Contudo, ainda existe um senso de comportamento na arte de vestir-se entre os povos que vivem nos trópicos não influenciados pelo gosto ocidental. Isto pode ser exemplificado com os coloridos atavios dos igorot — simples, proporcionados, elegantes — e mais elaboradamente nos costumes dos dayak de Bornéu, ou nos dos bororó do Brasil.

Talvez pareça incongruente conceber-se um homem moderno dos trópicos vestido com êsses adornos a fazer conferências, a dirigir um automóvel ou a divertir-se numa reunião social; mas pode-se argumentar que essa condescendência em aceitar outro tipo de vestuário, estranho aos seus hábitos culturais e ao seu senso de estética, fê-lo renunciar, sob a pressão do conformismo, a muita coisa da esfera espiritual, não apenas em matéria de vestuário mas também em muitas outras coisas.

Para o nativo que adota essa indumentária de clima frio, quaisquer mudanças em estilo ou proporção e em atitudes estéticas seriam orientadas pela maneira de ver européia, e seu senso espontâneo de linhas, côr e equilíbrio estaria sublimado ou quase completamente perdido. Desta forma, êle não somente perde as suas posturas naturais mas tende a adquirir uma personalidade diferente.

6. PROBLEMAS DE ADAPTAÇÃO OU FUSÃO

Se nós traduzirmos êsse quadro em situações paralelas de muitos outros campos da vida filipina, uma forte inclinação em favor do modo de vida ocidental parece predominar entre os indígenas ou não-ocidentais. Contudo, uma mudança de perspectiva e direção anda evidente no ar. Enquanto novas teorias e mudanças continuam fluindo do próprio Ocidente — da Europa e dos Estados Unidos — parece que outra e talvez mais rica fonte de idéias é reclamada e encontrada — nas próprias vidas dos povos nativos de todo o mundo, cuja cultura fornece novos campos para outra maneira de pensar, sentir e fazer as coisas. Uma mistura de culturas latinas, africanas e ameríndias no Brasil, como também a interação de traços latinos e nativos entre os povos malaios nas Filipinas, propiciam campos únicos para um encontro e mútuo enriquecimento dessas culturas. Nesses dois países a fermentação de novas idéias criativas é encarecida por dois fatores pelo menos, a saber: a presença de pequenos grupos de homens educados nas artes e ciências, perseguindo tal mudança, e uma mais ampla base-nível, a existência de uma maior comunidade de povos que vivem entre as ideologias interatuantes de civilizações nativas e européias.

Na Bahia, Brasil, por exemplo, nos ritos religiosos do **can-domblé** — uma cerimônia vinda da Costa Ocidental africana — uma certa porção de cidadãos pretos e brancos participam da dança ritual cuja música tornou-se um som familiar para muitos brasileiros. Para um músico interessado em adaptar essa música a um **engaste** urbano haverá um público que já está familiarizado com ela; e, ao mesmo tempo, êle terá a própria música sôbre que pode trabalhar, para mudar ou variar, de acôrdo com sua própria criatividade.

Nas Filipinas, embora muitos naturais não tenham conhecimento do **sulibaw** (um conjunto de gongo e tambor), e possam mesmo olhá-lo como um instrumento «estranho», seus sons não são realmente tão estrangeiros a um ouvido filipino como os do trompete europeu quando foi ouvido pela primeira vez num concêrto sinfônico local. Os instrumentos de sôpro, de cobre, europeus são inteiramente estranhos ao solo asiático e a beleza de seus sons não é encontrada na música tradicional da Ásia. Daí, as implicações psicológicas — os sentimentos, as imagens, os pensamentos e as reações — que suas reverberações evocam não constarem do vocabulário de conceitos nativos. Se um compositor local usa dêsses instrumentos e de suas harmonias, êle terá de pensar, necessariamente, como um europeu.

Um novo tratamento musical do **sulibaw**, seguindo as peculiaridades dos sons de gongo e tambor, e não de acôrdo com a estrutura melódica e instrumentação européia, seria, por exemplo, tentar extrair as mais amplas possibilidades dêsse conjunto instrumental pela interexecução de vários ritmos e pela exploração de côres instrumentais. Outra maneira de pôr-se o **sulibaw** numa realização contemporânea é tocar-se o conjunto original ante uma platéia de concêrto moderna; mas essa execução deve ser uma autêntica rendição de primeira classe, e isto requereria o emprêgo dos melhores talentos representativos dessa música, pois, se tal música é para aparecer como uma arte cultivada, ela deve ter a disciplina e a mestria requeridas por essa arte.

Tratamentos semelhantes de outra arte nativa asiática nos campos da literatura, escultura e arquitetura podem ser feitos por um artista que conheça e viva bem as culturas asiáticas e européia. Aqui reside a função do artista-investigador que, por um lado observa e respeita o papel da arte e dos valores intelectuais numa cultura nativa e, por outro lado, tenta separar certos valores nativos para aplicação à sociedade contemporânea. Exemplos no Brasil e nas Filipinas, efetuando uma mudança fundamental nas noções tradicionais européias da expressão artística, não são senão espécimens do que pode ser desenterrado em outras culturas alhures.

7. EXEMPLO DO BRASIL

Um reconhecimento devido há muito ao valor de culturas nativas ou não-européias encontra expressão — entre nações com uma cultura européia — no Brasil. Ali, esforços para trazer juntos e conciliar valores culturais não-europeus de Gana, Nigéria, Senegal e outros Estados africanos com o modo de vida brasileiro estão em progresso. O **Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade da Bahia** patrocina pesquisas e intercâmbio cultural com êsses países. Em certos setores há o desejo de ver o Brasil, Angola e Moçambique como membros de uma federação de países, com o português como língua comum (6). Juntamente com a presença de africanos no Brasil, a política de reaproximação com a África parece basear sua força na experiência real do país com a vida européia — a língua portuguesa, uma população parcialmente branca, e uma larga produção artística e literária baseada em formas européias. Esta experiência ensinou ao Brasil que nem todos os modismos europeus são vantajosos para a vida brasileira, e deu-lhe força de vontade para rejeitar os pontos-de-vista europeus como a principal fonte de sua cultura pois, como é sentido, «a política, a arte, a literatura serão hipócritas tôda vez que o Brasil procurar expressar-se intelectual e politicamente como uma nação integralmente branca» (7); fêz-lhe ver também essa união de culturas como fonte de nova força.

As Filipinas, sendo um país com uma pequena minoria branca, com uma modesta produção literária e artística baseada em padrões europeus, e com apenas uma **intelligentsia** usando a língua espanhola, não tem a mesma necessidade de uma experiência européia igual à do Brasil, que tem uma população de grande contingente branco, uma maioria falando um vernáculo europeu e uma enorme produção literária e artística. Contudo, os filipinos precisam da lição da experiência brasileira, isto é, a futilidade que é o copiar-se simplesmente maneiras de sentir e pensar ocidentais e implantá-las sem mudanças no solo malaio-filipino. Por causa de uma verdadeira inundação de conceitos ocidentais, o valor dos meios asiáticos de expressão artística torna-se obscuro e arcaico, e deixa o artista nativo em situação de confusa insegurança. Ele está numa situação semelhante àquela de boa parte dos cidadãos filipinos de hoje que vivem confundidos pelos valores morais e materiais em conflito numa sociedade filipina em mudança.

8. UM PASSO PARA A SOLUÇÃO — UMA PROFUNDA APRECIÇÃO E ACEITAÇÃO DE AMBAS AS CULTURAS

A solução jaz na revitalização de conceitos asiáticos, com a ajuda de instrumentos ocidentais. A introdução, por exemplo, do teatro, música e arte asiática (peças de sombra, o **gamelan** javanês,

esculturas de várias regiões) na vida filipina, não apenas copiando-os mas tentando criar um conjunto oriental que conduza ao encontro e à união profícuas dos valores artísticos e literários do Ocidente e do Oriente. Neste ambiente, uma livre troca e experimentação de padrões característicos de expressão oriental e ocidental contribuirão para um nôvo mundo de culturas harmonizadas. Pois, enquanto perdurar o ponto-de-vista favorável à preservação de civilizações exclusivas, a aspiração comum de um número crescente de pessoas — indivíduos, grupos e nações, que apreciam sem restrição as realizações de povos não-europeus e procuram fundi-los com o pensamento ocidental — assinala o comêço de uma ideologia comum por uma nova comunidade de nações que se entendam reciprocamente nos campos espirituais do esforço humano — as artes, a literatura e a música.

No cenário filipino, com uma sociedade que aprecia profundamente as culturas nativa e estrangeira, a *élite* se sente menos acañhada quando saúda ou se comunica entre si numa língua estrangeira, quando come de acôrdo com os padrões europeus ou ouve a música de Donizetti e Beethoven. A longa convivência íntima do filipino moderno com os modos-de-ser latinos deviam ser contrabalançados pelos genuínos sentimentos e perspectivas asiáticas. O respeito próprio e a autoconfiança crescerão dêsse íntimo conhecimento da própria cultura nativa — essa de um povo que não é mero imitador ou escravo dos hábitos ocidentais, mas originador, contribuinte e autor, desejoso de uma boa fusão das culturas latina e malaia. Na verdade, há nas Filipinas fatôres semelhantes àqueles que caracterizam o Brasil como um novo tipo de civilização — como uma nação que está fazendo uma «distinta contribuição . . . ao desenvolvimento da personalidade humana no mundo moderno» (8). Mas para as Filipinas desempenharem um tal papel demandaria mais esforço consciente, não sômente a entender íntimamente o pensamento asiático, mas também vivê-lo completamente, da mesma maneira que os filipinos têm aceito e fundido os costumes latino-cristãos dentro do modo-de-vida filipino.

NOTAS

- 1 — Freyre, Gilberto — “El Negro en la cultura del Brasil”, *El Correo* (publicação da Organização das Nações Unidas). Vol. 5 ns. 8-9 (Agosto-Setembro) 1952, p. 8.
- 2 — *Loc. cit.*
- 3 — Freyre, Gilberto — *Brazil, an Interpretation*. New York, Knopf, 1947, p. 123/4.
- 4 — *Ibid.*, p. 176.
- 5 — *Ibid.*, p. 151.
- 6 — Botsford, Keith — “Conversación con Gilberto Freyre”, *Cuadernos*, 68, Janeiro, 1963, p. 13.
- 7 — Freyre, Gilberto, *Loc. cit.*
- 8 — *Loc. cit.*

LATIN PECULIARITIES IN BRAZIL AND THE PHILIPPINES

Having recently visited Brazil, the writer compares the Brazilian culture with that of his country, the Philippines, and gives relief to the common Latin inheritance. Some differences are likewise shown in the article, proving the Brazilian case to be a compound of Latin and African usages and emphasizing the Malayan elements in that of the Philippines.

Concerning the influence of Western aesthetic values, the Author says: "Like in many other areas of daily life the aesthetic taste among the Philippines and other people living on the tropics is in such a way ruled by the European way of living that there is little space left to initiative or originality. Therefore, a certain artificiality is brought into their daily behaviour". And further on: "This experience has taught Brazil that not all European peculiarities are profitable to the Brazilian life and gave it power to reject the European point of view as the main source of its culture" for, as it is felt, "politics, art and literature will be hypocrite any time Brazil tries to express itself intellectually and politically as a wholly white nation". He also made it seen this union of cultures as the source of a new power.

QUELQUES PECULIARITÉS LATINES AU BRÉSIL ET AUX PHILIPPINES

Ayant récemment visité le Brésil, l'Auteur confronte la culture brésilienne avec celle de son pays, les Philippines, et donne plus d'éclat à l'héritage latin commun.

Il cite encore des différences, dans son article, en déterminant le cas brésilien comme un mélange d'usages latins et africains et accentue les éléments malaises dans celui des Africains.

A propos de l'influence des valeurs esthétiques occidentales il écrit: "Ainsi que dans plusieurs sphères de la vie quotidienne, le goût esthétique parmi les Philippines et d'autres peuples qui vivent dans les tropiques est dominé d'une telle façon par les manières de vivre des Européens qu'il reste peu de place à l'initiative et à l'originalité. Alors on établit une certaine manière artificieuse sur leur conduite de chaque jour". Et dans la suite: "Cette expérience a enseigné au Brésil que pas toutes particularités européennes sont utiles à la vie brésilienne, et lui a donné la force de volonté pour rejeter les points de vue européens comme la source principale de sa culture, car, comme l'on sent, "la politique, l'art, la littérature seront hypocrites chaque fois que le Brésil cherche à s'exprimer intellectuellement et politiquement, comme une nation intégralement blanche"; il l'a fait aussi voir cette union de cultures comme la source d'une nouvelle force.